

A odisseia de um mito: diálogos intertextuais em torno da fundação de Lisboa por Ulisses nas literaturas anglófonas

ROGÉRIO MIGUEL PUGA¹

CETAPS, FCSH, Universidade Nova de Lisboa

Abstract: This article deals with the intertextual process of transmission and dissemination of the myth of the foundation of Lisbon by Ulysses from Portuguese Literature into English and North-American literatures mainly through travel narratives since the 12th century. It also analyses the way Anglophone authors, such as Alexander Pope (1688-1744), William Morgan Kinsey (1788-1851) and Derek Walcott (1930-), have creatively updated the literary myth.

Keywords: Ulysses; Lisbon; myth; English and North-American travel writing; intertextuality.

*I cannot rest from travel [...]
Come, my friends,
'Tis not too late to seek a newer world.
Push off, and sitting well in order smite
The sounding furrows; for my purpose holds
To sail beyond the sunset, and the baths
Of all the western stars, until I die.*

Alfred, Lord Tennyson, *Ulysses*, 1842, vv. 6, 56-61

Se as relações diplomáticas entre Portugal e Inglaterra, formalizadas através dos tratados de Tagilde e de Windsor no século XIV, são as mais antigas do mundo ocidental, o início da colaboração luso-inglesa data do momento da formação de Portugal através do apoio dado pelos cruzados ingleses a D. Afonso Henriques durante a Conquista de Lisboa em 1147. Como veremos, é num documento desse mesmo ano, a famosa missiva do cruzado inglês, que encontramos a primeira referência inglesa

Texto recebido em 24/10/2010 e aceite em 07/02/2011.

¹ rogerio.puga@fcsh.unl.pt.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 13 (2011) 145-175 — ISSN: 0874-5498

ao mito² da fundação de Lisboa por Ulisses. Torna-se, portanto, claro que as relações culturais anglo-portuguesas se estabelecem também desde cedo, paralelamente às relações políticas e comerciais, e esse intercâmbio acaba por abranger também a lenda de que nos ocuparemos ao longo deste estudo.

Com o aumento do número de turistas e de viajantes britânicos a partir do século XVIII, Portugal torna-se local de passagem e de residência para: jovens durante o Grand Tour, missionários, turistas e viajantes a caminho dos vários continentes, espiões, membros de expedições militares, diplomáticas e científicas, comerciantes e produtores de vinho, bem como doentes em recuperação, entre outros contextos. A partir da segunda metade do século XVIII aumentam os relatos de viagem ingleses sobre Portugal, juntando-se-lhes a partir do final da centúria seguinte os norte-americanos. Essas obras transferem gradualmente para as literaturas anglófonas temáticas, histórias, paisagens e estereótipos lusos, como acontece com o mito da fundação de Lisboa por Ulisses. A origem e a reformulação do mito até à actualidade na literatura portuguesa, bem como a etimologia do topónimo foram já satisfatoriamente estudadas,³ pelo que não nos detemos nessas

² Utilizamos os termos 'mito' e 'lenda' de forma indistinta com as devidas ressalvas feitas num estudo sobre o mito fundacional de Lisboa por Aires A. Nascimento, "Os Epónimos Míticos de Lisboa: Ulisses, Hércules e Outros: Títulos de Nobilitação": António Ventura (ed.), *Presença de Victor Jabouille* (Lisboa 2003) 31.

³ Raul Miguel Rosado Fernandes, "Ulisses em Lisboa": *Euphrosyne*. 13 (1985) 139-161, Justino Mendes de Almeida, *De Olisipo a Lisboa* (Lisboa 1992), Maria Helena da Rocha Pereira, "Ulysses e a Mensagem": José Augusto Seabra (ed.), *Fernando Pessoa. Mensagem, Poemas Esotéricos* (Nanterre 1993) 303-313, Aires A. Nascimento, "Os Epónimos Míticos de Lisboa": 31-53, idem, "Ulisses em Lisboa: Mito e Memória", comunicação à Academia das Ciências de Lisboa em Setembro de 2006: http://cultura.classica.blogspot.com/2006/10/conferencia-ulisses-em-lisboa-mito-e_13.html, idem, "Do Mediterrâneo ao Atlântico: Os Errores de Ulisses até Olisipona, no Ocidente": http://www.ulisseweb.eu/pdf/malta_convention_2006/Aires_Nascimento.pdf, idem, "Centro e Periferia: Nos Errores de Ulisses em



questões, mas sim nos ecos que a lenda encontra nas literaturas de língua inglesa ao estender-se gradualmente ao universo e ao imaginário anglófonos.

O processo de textualização do espaço português pelos viajantes protestantes revela *topoi* e estratégias literárias recorrentes como as referências ao mito da fundação/reedificação de Lisboa pelo herói grego e o recurso à comparação de realidades quer familiares quer desconhecidas para que o leitor de língua inglesa possa visualizar ou entender essa realidade Outra, no caso portuguesa. As narrativas de viagem de que nos ocupamos são redigidas por viajantes letrados que espelham a sua educação e os seus conhecimentos sobre a Antiguidade Clássica através de artifícios literários como a alusão, a comparação ou a referência directa. Os autores recuperam e dão assim a conhecer ao leitor um elemento do imaginário⁴ mitológico e literário associado às origens e à história da capital portuguesa, à qual o nome latino de Ulisses é desde cedo associado. Não é, portanto, de estranhar que o nome do herói tenha sido atribuído a uma das torres do castelo de São Jorge, que uma representação do seu busto adorne o jardim do miradouro de São Pedro de Alcântara e que, no Parque das Nações, o passeio e a avenida de Ulisses marquem presença numa

Busca da Identidade”: *Grazer Beiträge-Supplementband XI* (Viena 2007) 168-183, idem, “Nomina, Numina: A Invenção de Ulisses, a Ocidente”: Gregório Hinojo Andrés e José Carlos Fernández Corte (eds.), *Munus quaesitum meritis: Homenaje a Carmen Codoñer* (Salamanca 2007) 655-664, Leonor Santa Bárbara, “Ulysse et Lisbonne. Le Mythe et la Fondation de la Cité”: Évelyne Hanquart-Turner (dir.), *Exils, Migrations, Création 1: Perspectives Transculturelles* (Créteil 2008) e a tese de doutoramento em curso de Carla Sofia Oliveira Silva, “No Rasto de Ulisses: de Tróia a Ulissipo (Reconfigurações de um Mito)”, sob orientação de Maria Fernanda Brasete e Carlos Manuel Morais, na Universidade de Aveiro.

⁴ Seguimos de perto o conceito de imaginário de Gilbert Durand, *L’Imagination Symbolique* (Paris 1964) xvi e de Yves Durand, *L’Exploration de l’Imaginaire* (Paris 1988) 15.

zona onde as figuras históricas nacionais se misturam com personagens da mitologia clássica.

Se, como Stanford demonstra,⁵ o herói homérico é facilmente adaptável em diferentes culturas, a tradição da fundação de Lisboa por essa personagem nas literaturas de língua inglesa remonta ao século XII, fenómeno que se deve sobretudo à literatura de viagens, e desde o século XVIII autores como Alexander Pope (1688-1744), William Morgan Kinsey (1788-1851) e Derek Walcott (1930-) utilizam esse mito como ponto de partida para novas viagens ficcionais e criam, como veremos, variantes literárias do mesmo. Através da leitura de obras portuguesas, sobretudo *Os Lusíadas*, e das versões parafraseadas por informantes lusos a lenda torna-se um tema recorrente na literatura de viagens anglófona. Ulisses é representado quer enquanto herói sucessivamente atrasado no seu regresso, quer, como Piero Boitani⁶ recorda, enquanto metáfora da formação do homem moderno, dando origem a inúmeras obras literárias e lendas.⁷ Ao longo dos tempos a personagem funciona também como símbolo da antiguidade e da riqueza histórica de Lisboa, e, através de um processo metonímico, do país em geral, servindo inicialmente o propósito

⁵ W. B. Stanford, *The Ulysses Theme: A Study in the Adaptability of a Traditional Hero* (Dallas 1992) 1-7 estuda o constante reavivar de inúmeras variantes do mito na cultura ocidental (assimilação histórica) e aborda a simbologia de Ulisses como político, engenhoso viajante (*polutropos*) e herói reintegrado.

⁶ Piero Boitani, *The Shadow of Ulysses: Figures of a Myth* (Nova Iorque 1994). Na senda de Boitani, E. S. Shaffer (ed.), *Comparative Criticism 21: Myth ad Mythologies* (Cambridge 1999) xvi, afirma: "Ulysses — the primary myth of the exile in Western literature — returns and returns again".

⁷ Sobre a fundação de cidades europeias por Ulisses, vejam-se Sharon Turner, *The History of the Anglo-Saxons from the Earliest Period to the Norman Conquest 1* (Londres 1828) 64-65, Arthur Murphy (ed.), *Cornelius Tacitus. The Works of Cornelius Tacitus* (Filadélfia 1836) 533 e *The Ulysses Theme*: 258.



de “legitimação histórica”⁸ do passado nacional português, sobretudo nas obras de autores medievais e quinhentistas. Como recorda Maria de Fátima Rambaud, os autores renascentistas recuperam a lenda para reforçar as glórias marítimas lusas, enquanto a semelhança fonética entre o nome latino de Ulisses e o topónimo Olisipo fortalece essa convicção: “Lisbonne est l’espace de la rencontre entre mythe et réalité. Et, en dernière analyse, Ulysse et Lisbonne sont tributaires l’un de l’autre; car c’est grâce à Lisbonne qu’Ulysse put descendre des limbes mythiques”.⁹ Recordemos, a propósito dessa utilização do mito nas literaturas portuguesa e anglófonas, a forma como os autores criam a sua própria mitopoética ao combinar elementos da mitologia antiga com as suas próprias criações literárias¹⁰ para rentabilizar uma elaborada rede de simbologias que tem como ponto de partida mitos e vivências da Antiguidade Clássica textualizados ao longo dos séculos.

Interculturais e cronotópicas por natureza, as narrativas de viagem, ao representarem um expedição tal como o autor a filtrou, contêm imprecisões históricas ou pormenores escolhidos pelos viajantes, aquilo a que Hayden White chama “ficções da represen-

⁸ Expressão de Claude Lévi-Strauss, *Antropologia Estrutural Dois* (Rio de Janeiro 1993), que, ao analisar a questão da morte dos mitos, identifica duas formas de este se reactualizar ao longo dos tempos: através da lenda e da (re)elaboração literária, deixando de ser apenas narrativa fundadora para assumir outras funções, como a da legitimação histórica.

⁹ Maria de Fátima Antunes Rambaud, “Lisipona-Lisbonne: Le Tribut d’Ulysse”: Bertrand Westphal (ed.), *Le Rivage des Mythes: Une Géocritique Méditerranéenne. Le Lieu et son Mythe* (Limoges 2001) 377. Aires A. Nascimento, “Os Epónimos Míticos de Lisboa”: 31-53 e “Ulisses em Lisboa”: 1-19, analisa a forma como o epónimo é tomado como emblema de uma história primitiva de fundação para glorificar a memória e a identidade portuguesas.

¹⁰ Eleazar M. Mielietinski, *A Poética do Mito* (Rio de Janeiro 1987).

tação factual”,¹¹ enquanto para Patrick e Huggan esses textos, à partida factuais, surgem quando o viajante-autor plasma a viagem de forma subjectiva juntamente com mitos e elementos culturais que demonstram os seus conhecimentos acerca do país a descobrir: “they [travel writers] claim validity — or make as if to claim it — by referring to actual events and places, but then assimilate those events and places to a highly personal vision. Travel writing thus charts the tension between the writers’ compulsion to report the world they see and their often repressed desire to make the world conform to their preconception of it.”¹² O mito fundacional de Lisboa torna-se parte da bagagem cultural do viajante anglófono em Portugal, e, como veremos, a partir do século XVIII esse mito é encarado como ficção por todos os autores de língua inglesa que o utilizam para enriquecer o universo estético-simbólico das suas obras. Por exemplo, em 1913 Ruth Kedzie Wood refere-se à lenda como uma possível falácia histórica: “It is related that Ulysses was the first to establish a settlement on the harbour shore. Though this may be historical fallacy”.¹³ Wood localiza ainda a actividade do herói fundador no porto da cidade, tal como acontece no *incipit* do relato de Ada C. Inchbold *Lisbon & Cintra* (1907).¹⁴

A primeira referência à fundação de Lisboa por Ulisses que conhecemos em língua inglesa é a da carta do suposto cruzado inglês R.[aul]¹⁵ a Osb.[erto] de Baladresea. Raul encontra-se inte-

¹¹ Hayden Whyte, “As Ficções da Representação Factual”: Manuela R. Sanches (org.), *Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade* (Lisboa 2005) 43-61.

¹² Holland Patricke Graham Huggan, *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing* (Michigan 2007) 10.

¹³ Ruth Kedzie Wood, *The Tourist’s Spain and Portugal* (Nova Iorque 1913) 249.

¹⁴ Ada C. Inchbold, *Lisbon & Cintra* (Londres 1907) 1.

¹⁵ Charles Wendell David, *De Expugnatione Lyxbonensi. The Conquest of Lisbon* (Nova Iorque 1936) 1-50, Ruy de Azevedo, “A Carta ou Memória do



grado na Segunda Cruzada a caminho da Terra Santa e auxilia, como planeado desde o início da expedição militar,¹⁶ D. Afonso Henriques a tomar Lisboa aos Mouros, participando assim no projecto cristão da Reconquista Peninsular. O militar franco ou anglo-normando descreve a localização geográfica da cidade e menciona a ‘crença’ da sua fundação por Ulisses: “[Lisboa] Está situada no Monte Ártabro [...] delimitando aí também o Oceano Atlântico e o Ocidente. Porque de Ulisses vem o nome de Lisboa, crê-se que a cidade foi fundada por ele.”¹⁷ O cruzado seria um presbítero com ligações aos meios premonstratenses ingleses que permanece em Portugal para além da conquista de Lisboa e que em 1148 lega ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a ermida que fundara após a tomada da capital e onde se encontram sepultados soldados ingleses. No estudo em que avança a possível identidade do autor do relato, Harold Livermore sugere que o texto poderá ser integrado na tradição literária e historiográfica crúzia de exaltação da figura do monarca dos anos 80 do século XII,¹⁸ no caso o rei português, caracterizado como moderado, justo e empenhado na reconquista.¹⁹ O contexto político em que a pormenorizada narrativa é produzida, ou seja, as origens de Portugal, é assim associado ao mito fundacional da cidade em que o cruzado e o

Cruzado Inglês R. para Osberto de Bawdsey sobre a Conquista de Lisboa em 1147”: *Revista Portuguesa de História* 7 (1957) 343-370, Joshiah Cox Russell, “Ranulf de Glanville”: *Speculum* 45 (1970) 69-79, Harold Livermore, “The ‘Conquest of Lisbon’ and its Author”, *Portuguese Studies* 6 (1990) 1-16, Maria João V. Branco, “Introdução”: Aires A. Nascimento (ed.), *A Conquista de Lisboa aos Mouros: Relato de um Mouro* (Lisboa 2007) 10, 28-39.

¹⁶ Jonathan Phillips, “St. Bernard of Clairvaux, the Low Countries and the Lisbon Letter of the Second Crusade”: *Journal of Ecclesiastical History* 48 (1997) 495-496.

¹⁷ Raul, “A Conquista de Lisboa aos Mouros: Relato de um Mouro. De Expugnatione Lyxbonensi”: Aires A. Nascimento (ed.), *A Conquista de Lisboa aos Mouros*: 77.

¹⁸ “The ‘Conquest of Lisbon’ and its Author”: 1-16.

¹⁹ “Introdução”: 28.

primeiro rei de Portugal se encontram. O texto de 1147 menciona a lendária fundação da urbe, que acabara de ser capturada aos infiéis por D. Afonso Henriques e reedificada, tal como acontecera quando da chegada de Ulisses ao estuário do Tejo.

Existem ainda outras três cartas de cruzados germânicos que participam na conquista de Lisboa: Vinando, Duodequino e Arnulfo, que, na epístola que dirige a Milão, bispo dos Morinos, menciona, tal como os demais autores, a lenda nos seguintes termos: “Esta cidade [Lisboa], conforme contam as histórias dos sarracenos, foi edificada por Ulisses depois da destruição de Tróia”.²⁰ Os autores das missivas associam assim a origem da urbe ao mito homérico e à tradição cultural ocidental num momento de guerra contra as forças islâmicas, encontrando-se a lenda presente quer na memória colectiva medieval portuguesa, quer também, de acordo com a missiva de Arnulfo, no imaginário islâmico. Os cruzados baseiam-se certamente na tradição dos erros de Ulisses pela Ibéria nos escritos de Solino (*Colectânea de Factos Memoráveis*), de Marciano Capela (*Núpcias de Mercúrio e de Filologia*) e de Isidoro de Sevilha (*Etimologias*), que referem o monte Ártabro e a fundação de Lisboa pelo herói grego, com base na subversão de afirmações da *Geografia* de Estrabão.²¹

Como veremos, são várias as obras anglófonas que referem a relação amorosa de Ulisses e Calipso em Lisboa e assim ecoam diversos textos portugueses que integraram esse episódio romântico na lenda fundacional e deram origem a uma nova versão da mesma, nomeadamente: *Ulisseia, ou Lisboa Edificada* (1636), de Gabriel Pereira de Castro,²² *História Insulana das Ilhas a Portugal*

²⁰ “Carta de Arnulfo a Milão bispo dos Morinos”: Júlio Castilho, *Lisboa Antiga 2 Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)* (Lisboa 1936) 114.

²¹ “Ulisses em Lisboa”: 142.

²² Gabriel Pereira de Castro, *Ulisseia ou Lisboa Edificada: Poema Heróico* (Lisboa 1827): V, ciii-civ; VII; X, lxi, xcix, ci, cxxviii [veja-se J. A. Segurado e Campos (ed.), *Gabriel Pereira de Castro, Ulisseia ou Lisboa Edificada 2: Estudo Histórico-Literário* (Lisboa 2000) 239].



Sujeitas no Oceano Ocidental (1866), de António Cordeiro,²³ *Emília e Leonido, ou, os Amantes Suevos: Poema* (1836), de José Maria da Costa e Silva,²⁴ e *Os Portugueses Perante o Mundo* (1856), de Alexandre Melo Morais. Este último autor descreve a forma como Ulisses chega a Portugal, funda Lisboa e manda construir um templo dedicado a Minerva, enquanto o rei Gorgóris lhe oferece a sua filha Calipso. De acordo com esse texto, os gregos que acompanham o herói fundam várias províncias de Portugal, por exemplo, Diomedes povoa o Minho, até que em 1081 a.C. o grupo de argonautas regressa à Grécia, dois anos antes de o sogro de Ulisses falecer, sendo substituído pelo neto Abidis, filho de Ulisses também referido como Ábis ou Ábide, que, por sua vez, fundaria Santarém.²⁵ Relativamente à radicação familiar nas diversas variantes do mito, é de referir que a versão portuguesa da *Crónica Geral de Espanha de 1344* atribui a Ulisses um neto, seu homónimo, e uma filha, Boa, que viajam até Lisboa,²⁶ elementos até então inéditos no mito. A construção do templo de Minerva, bem como a tempestade que leva o herói para a cidade são pontos de contacto intertextuais que existem também em *Os Lusíadas* (III: 57-58, IV: 84, VIII: 4-5) e no poema “Vincentius, Levita et Martyr”,²⁷ de André de Resende (1545). De acordo com Rosado Fernandes, é na *Crónica Geral de Espanha* que encontramos acrescentos ao primeiro núcleo da lenda, com variantes significativas “que mostram uma tentativa de racionalização do mito, como tantas vezes acontecia, quando a lenda era necessária para explicar o que era real”.²⁸ Por sua vez,

²³ António Cordeiro, *História Insulana* 1 (Lisboa 1866) 32.

²⁴ José Maria da Costa e Silva, *Emília e Leonido* (Lisboa 1836) secção final “Notas do Poema”: xvi.

²⁵ Alexandre Melo Morais, *Os Portugueses Perante o Mundo* 1 (Rio de Janeiro 1856) 14-15.

²⁶ *Crónica Geral de Espanha de 1344* 2 (Lisboa 1954) 22.

²⁷ “Ulisses em Lisboa”: 145 e “Ulisses em Lisboa: Mito e Memória”: 10.

²⁸ “Ulisses em Lisboa”: 143.

os autores anglófonos espelham a evolução do mito fundacional e dos enredos e figuras que lhe vão sendo adicionados.

São vários os escritores portugueses (e espanhóis) que revisitam a lenda fundacional de Ulisses nos séculos XVI-XVII sobretudo para legitimar a independência lusa face ao país vizinho (literatura autonomista),²⁹ versões das quais não nos ocupamos neste estudo: Diogo Mendes de Vasconcelos (*Partida de Évora*, 1572), Luís de Camões (*Os Lusíadas*, 1572), Juan de Mariana (*De Rebus Hispaniae*, 1592), Frei Bernardo de Brito (*Monarquia Lusitana*, 1597),³⁰ António de Sousa Macedo (*Ulyssipo: Poema Heróico*, 1640), Luís Marinho de Azevedo (*Primeira Parte da Fundação, Antiguidades e Grandeza da Insigne Cidade de Lisboa e seus Varões Ilustres*, 1652), Manuel Severim de Faria (*Notícias de Portugal*, 1655, obra acrescida pelo Padre D. José Barbosa em 1740) e Inácio da Piedade e Vasconcelos (*História de Santarém Edificada*, 1740), entre outras já referidas. Algumas dessas obras cantam figuras como Viriato, Ulisses e D. Sebastião, rei português que encontra na literatura inglesa³¹ uma fama muito superior à do Ulisses fundador de Lisboa.

A acumulação de figuras e de micro-episódios associados ao mito em questão vai aumentando, e a propósito desse fenómeno Aires A. Nascimento afirma que tais elementos são caleidoscópicos e dispersos, pois, enquanto narrativa, o mito renova-se constante-

²⁹ Veja-se Hernâni Cidade, *A Literatura Autonomista sob os Filipes* (Lisboa 1948) 69-72.

³⁰ Por exemplo, em 1597 Frei Bernardo de Brito [*Monarquia Lusitana* parte 1 (Lisboa 1973) cap. 22, fl. 65v] afirma que Ulisses esquece Ítaca de tão feliz que está em Lisboa, onde restaura as embarcações, pesca e se envolve com Calipso até que Penélope lhe escreve e ele regressa, igualmente forçado pelo desagrado do povo nativo face aos saques dos demais gregos que o acompanham. Tal como o poema épico de Gabriel Pereira de Castro, esta obra refere o convento de Chelas.

³¹ Maria Leonor Machado de Sousa (dir.), *D. Sebastião na Literatura Inglesa* (Lisboa 1985).



mente e não exige coerência, mas apenas que a sequência integre os segmentos essenciais:

a tradição tem a sua deriva e a sua recuperação; cíclicos são os respectivos relançamentos. Não são líquidos todos os seus momentos; não parece fácil reconstituí-la nem claro reconhecer as suas oscilações de regresso e de mudanças. Haverá pelo menos que não lhe perder as cintilações, cientes de que nisso passa um fio de identidade que nos redime do anonimato.³²

Não é portanto de admirar que ao longo dos séculos Lisboa seja referida como “cidade de Ulisses” por inúmeros autores europeus,³³ tal como acontece em 1866 num artigo da revista norte-americana *Harper’s New Monthly Magazine*, que refere a tempestade que leva o herói grego a Lisboa, bem como a efabulação poética que está na origem da lenda: “The City of Ulysses, who, is said, was carried into the Tagus in the course of a stormy and dangerous voyage. Without resorting to poetic fable, authentic history establish its many centuries”.³⁴ Já em 1952, o autor americano Sidney Clark chama à capital lusa “a cidade dramática de Ulisses”.³⁵ A teoria que associa o topónimo ao nome latino do herói é avançada inclusive em estudos mais recentes³⁶ apesar de ter sido refutada desde cedo, nomeadamente pelo humanista italiano Lourenço Vala na *Historiarum Fernandi Regis Aragoniae Libri Tres* (*História de Fernando de Aragão*, redigida entre 1445-1446 e publicada em Paris em 1521),³⁷ pelo humanista português Fernando

³² “Os Epónimos Míticos de Lisboa”: 38.

³³ Victor Alexandre Chretien, *Le Plat du Temple, La Nouvelle Énéide: Poeme Heroi-Comique* 2 (Offenbach 1810) 350, *Biographie Universelle, Ancienne et Moderne* 55 (Paris 1833) 587 e *American Notes and Queries* 5/7 (14-07-1890) 83.

³⁴ “A Look at Lisbon”: *Harper’s Magazine* 33/194 (1866) 171.

³⁵ Sidney Clark, *All the Best in the Mediterranean* (Nova Iorque 1952) 87-88, nossa tradução. Veja-se também Peter Conrad, *Where I Fell to Earth: A Life in Four Cities* (Nova Iorque 1991) 18-19.

³⁶ Irad Malkin, *The Return of Odysseus: Colonization and Ethnicity* (Berkeley 1998) 170.

³⁷ “Ulisses em Lisboa”: 144 e “Ulisses em Lisboa: Mito e Memória”: 9.

Oliveira na primeira *História de Portugal* (c. 1580)³⁸ redigida em português e, até certo ponto, por Manuel de Faria e Sousa através das dúvidas que levanta nos seus comentários a *Os Lusíadas* (1639).³⁹

A *História* de Fernando de Oliveira tem como objectivo a nobilitação dos feitos dos heróis portugueses, e o autor, ao refutar o mito da fundação de Lisboa por Ulisses, resume os elementos do mesmo, que, por seu lado, serão parafraseados nas obras anglófonas de que nos ocupamos. O historiador quinhentista esclarece as afirmações de Estrabão e de outros autores como Solino em que os portugueses se baseiam para tentar fundamentar o mito e avança uma função política para essa história que é, segundo ele, renovada de forma premeditada pelos autores seus conterrâneos. Oliveira afirma que esses “letradores” lusos não conseguem provar que Ulisses viera a Lisboa e inventam outra “mentira pior”,⁴⁰ a de que um neto do herói fundara a cidade e que trouxera consigo a filha Boa, dando os nomes dessas duas figuras origem ao topónimo Lisboa “Ulisses e Boa”. O historiador desmente a “invenção”⁴¹ popular segundo a qual os dois Ulisses foram sepultados na Porta de Ferro de Lisboa e Aquiles foi criado e encontrado no convento de Chelas. No entanto, na obra de Fernando Oliveira um outro mito fundacional substitui o de Ulisses. O autor afirma que a fundação da capital poderá ter sido obra de Tubal muito antes que Ulisses o pudesse vir a fazer e também que não seria provável que Gorgóris autorizasse um “estrangeiro fugitivo com quatro companheiros” a povoar o melhor porto do seu reino, concluindo que não há “escritor antigo de crédito que afirme ser

³⁸ A *História de Portugal*, de Fernando Oliveira, é publicada por José Eduardo Franco, *O Mito de Portugal: A Primeira História de Portugal e a sua Função Política* (Lisboa 2000) 349-494.

³⁹ Luís de Camões, *Lusíadas 2*, comentados por Manuel de Faria e Sousa (Lisboa 1972): VIII, 381-382.

⁴⁰ *História de Portugal*: 359-360.

⁴¹ *História de Portugal*: 360.



Lisboa fundada por Ulisses”.⁴² Para sustentar a sua posição, o historiador cita um dos primeiros refutadores do mito, o já referido Lourenço Vala, bem como outros autores não identificados. É curioso o facto de o humanista negar o mito de Ulisses quando a sua obra, redigida por volta de 1580, pretende ser um “testamento patriótico” e mitificante após a perda da independência do seu país ao profetizar a Restauração face a Castela e ao criar um mito da origem de Portugal. Um dos objectivos dessa *História* anti-castelhana é nobilitar e enaltecer os heróis portugueses face à presença negativa dos castelhanos no reino inexpugnável de Portugal.⁴³ As palavras de autores “de boa erudição e entendimento”⁴⁴ como Lourenço Vala falam mais alto que o valor simbólico e patriótico do mito da fundação de Lisboa por Ulisses, até porque esse herói mitológico é substituído por uma figura bíblica. O maravilhoso cristão ganha, então, primazia face ao maravilhoso pagão.

Não obstante estas posições, o mito continua a ser recriado nas literaturas portuguesa e de língua inglesa, embora obviamente os autores mais tardios utilizem cada vez menos a tradição como sendo real, mas sobretudo como um elemento mítico e simbólico que enriquece as descrições literárias da capital portuguesa, como veremos de seguida. Em 1795, o arquitecto James Murphy, que visitara Portugal entre 1789 e 1790, publica *Travels in Portugal*, relato que menciona as origens obscuras de Lisboa e a crença generalizada da sua fundação por Ulisses após a “destruição de Tróia”. Ao transcrever a terceira e quarta estrofes do canto oitavo de *Os Lusíadas*⁴⁵ Murphy torna-se um dos primeiros escritores a esta-belecer diálogo intertextual com uma obra portuguesa que evoca o mito fundacional, o épico camoniano que muitos outros

⁴² *História de Portugal*: 361.

⁴³ *O Mito de Portugal*: 239-297.

⁴⁴ *História de Portugal*: 361.

⁴⁵ James Murphy, *Travels in Portugal* (Londres 1795) 134-135, nossa tradução.

irão referir. Em 1796 Robert Southey visita Portugal e no ano seguinte publica *Letters Written during a Journey in Spain and a Short Residence in Portugal*, que seria aumentada e corrigida após uma segunda visita em 1800-1801. O viajante insere o mito da fundação da cidade nas tradições literárias portuguesa e inglesa através de um interessante exercício literário de cariz comparatista que enaltece a antiguidade de Portugal:

Its great antiquity is as boldly asserted, and as clearly proved. The foundation of Lisbon by Ulysses was designed by Pope for an episode in his projected epic poem, and forms the subject of the Ulysseia of Gabriel Pereira de Castro, and the Ulyssipa of Antonio de Souza de Macedo, but this belongs to the poets, and tempting as is the etymology of Lisbon from Ulysses, the antiquarian rejects it. It was founded by Elisa the eldest son of Java,⁴⁶ says Luis Marinho de Azevedo, he called it Eliseon, thence Elisbon, Lisbon. Nothing can be plainer. If however, the honour of founding the metropolis of Portugal be contested between Elisa and Ulysses, there is no controversy concerning the establishment of Setuval [*sic.*] by Tubal.⁴⁷

O excerto aborda vários tópicos de interesse, nomeadamente a utilização do mito nas literaturas portuguesa e inglesa, neste último caso através de um esboço de um poema épico que o poeta satírico inglês Alexander Pope (1688-1744) planeava escrever sobre Bruto, o bisneto de Eneias que, de acordo com mais um mito medieval fundacional que remete para a Antiguidade Clássica, fundara Inglaterra e fora o seu primeiro rei.⁴⁸ Após traduzir a *Ilíada*

⁴⁶ Referência à personagem bíblica Elisa, filho de Javan, bisneto de Noé e tetraneto de Matusalém.

⁴⁷ Robert Southey, *Letters Written during a Journey in Spain and a Short Residence in Portugal 1* (Londres 1808) 57, texto também publicado na revista de Boston *The New England Quarterly Magazine; Comprehending Literature, Morals and Amusement* 2 (1802): 166.

⁴⁸ A lenda é referida pela primeira vez na *Historia Brittonum* (c. 830), compilação histórica atribuída ao monge galês Nennius, de acordo com a qual o nome da ilha (Britain) tem origem no nome do herói romano (Bruto). O mito é popularizado a partir do século XII por Geoffrey of Monmouth através da



entre 1715 e 1720 e a *Odisseia* entre 1725 e 1726, com o auxílio de William Broome e Elijah Fenton, Pope planeia o referido poema, no qual a fundação de Lisboa por Ulisses constituiria um episódio. Em 1806 o reverendo William Lisle Bowles e outros estudiosos publicam o volume quarto das *Obras Completas* de Pope, composto por poemas e outros escritos inéditos, entre os quais se encontra “The Plan of an Epic Poem to Have Been Written in Blank Verse, and Intituled, Brutus”, que sumaria o enredo da epopeia das aventuras marítimas de Bruto de Tróia:

The vessel at length touched at Lisbon or Ulyssipont [*sic.*], where he [Brutus] meets with the son of a Trojan, captive of Ulysses. This gives occasion for an episode; and, among other things, furnishes an account of Ulysses settling there, and building of Lisbon; with a detail of the wicked principles of policy and superstition he had established, and of his being at length driven away by the discontented people he had enslaved.⁴⁹

Na versão ficcional que seria criada por Pope a partir da lenda portuguesa o tirano fundador de Lisboa escravizaria os nativos e estabeleceria uma política e superstições negativas nessa cidade, tendo, portanto, uma imagem negativa.

Regressando à citação de Southey que já transcrevemos, o autor inglês, tal como muitos outros, alude ainda à mítica fundação de Lisboa por Elisa, de entre outros lendários fundadores da capital mencionados em obras lusas como a *Primeira Parte da Fundação da Mui Insigne Cidade de Lisboa*,⁵⁰ que descreve o momento em que Ulisses encontra Aquiles escondido no templo das Vestais,

crónica fantástica *Historia Regum Britanniae* (c. 1136) e é também conhecido no Portugal medieval (*Crónica Geral de Espanha de 1344*: 13).

⁴⁹ Alexander Pope, “The Plan of an Epic Poem to Have Been Written in Blank Verse, and Intituled, Brutus”: Alexander Pope, *The Complete Works* 6 (Londres 1806) 386.

⁵⁰ Luís Marinho de Azevedo, *Primeira Parte da Fundação, Antiguidades e Grandeza da Insigne Cidade de Lisboa e seus Varões Ilustres* 1 (Lisboa 1652) 10-12, 102-104.

em Chelas,⁵¹ onde este fora escondido pela sua mãe Tétis para não ter que lutar na guerra de Tróia. Esse mini enredo, a relação amorosa de Ulisses e Calipso em Lisboa e a estada de Aquiles em Chelas⁵² são transposições criativas de conhecidos episódios da literatura grega para a geografia portuguesa. No capítulo décimo da *Fundação* o leitor toma conhecimento dos “títulos de nobreza que Lisboa adquiriu com a fundação de Elisa, e reedificação de Ulisses”, e no capítulo seguinte “do nome que Ulisses pôs a Lisboa depois que a fundou, e de várias opiniões, que há nesta matéria, e seus prováveis fundamentos.”⁵³ Outras obras portuguesas como *As Cidades e Vilas da Monarquia Portuguesa que Têm Brasões de Armas*, de Inácio Vilhena Barbosa,⁵⁴ *Corografia Portuguesa*,⁵⁵ *Memórias para a História de Portugal*, de José Soares da Silva,⁵⁶ e *Mapa Breve da Lusitânia Antiga e Galiza Bracarense*,⁵⁷ de Francisco do Nascimento Silveira, referem igualmente a reedificação da capital por Ulisses após a sua fundação por Elisa.

Também em 1877 Marion McMurrugh Mulhall menciona os antigos historiadores lusos que “fingem” que Lisboa foi fundada por um neto de Abraão ou por Ulisses,⁵⁸ ficando claro que os fundadores lendários de uma cidade enaltecem os seus estatutos e

⁵¹ *Primeira Parte da Fundação*: 23-25. Em 1639 também Faria e Sousa referira, ao comentar *Os Lusíadas*: VIII, 381-382, o templo de Minerva, que afirma ser o convento de Vestais em Chelas.

⁵² António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal* 3 (Lisboa 1712) 342.

⁵³ *Primeira Parte da Fundação*: 123-128 e 148-153, respectivamente.

⁵⁴ Inácio V. Barbosa, *As Cidades e Vilas da Monarquia Portuguesa* 1 (Lisboa 1860) 22.

⁵⁵ *Corografia Portuguesa*: 341-342.

⁵⁶ José Soares da Silva, *Memórias para a História de Portugal* 3 (Lisboa 1732) 1054-1055.

⁵⁷ Francisco N. Silveira, *Mapa Breve da Lusitânia Antiga e Galiza Bracarense* 1 (Lisboa 1804) 243-244.

⁵⁸ Marion McMurrugh Mulhall, *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso* (Londres 1877) 2.



história. O mito faz, portanto, parte da cor local e da memória colectiva da urbe, pelo que diversos viajantes referem também a miríade de mitos fundacionais associados a Lisboa, como por exemplo J. F. Packard, autor do relato da circum-navegação do 18º presidente norte-americano, o general Ulysses Simpson Grant (1822-1885): “There are so many stories about the foundation of Lisbon that the reader may take his choice. Ulysses is said to have made this one of His wanderings and to have in the words of Camoens, bidden “the eternal walls of Lisbon”.⁵⁹ À semelhança de outros visitantes, Packard cita *Os Lusíadas*, que é, tal como a ópera *Ulysses em Lisboa* (1761), de Francisco José Freire, intertexto de todas as obras anglófonas que abordamos. Torna-se, aliás, óbvio que o poema de Camões, traduzido para inglês por Richard Fanshawe em 1655 e por William Julius Mickle em 1776,⁶⁰ é uma das obras que mais contribuem para a disseminação do mito nas literaturas de expressão inglesa.

Em 1874 o vice-cônsul português em Leeds Joaquim António de Macedo publica, em Londres, *A Guide to Lisbon and its Environs, Including Cintra and Mafra*, em cuja secção “Historical Sketch of Lisbon” alude às lendas da fundação dessa cidade por Eliza e Ulisses, tal como Southey fizera um século antes:

The origin of Lisbon is lost among the nebulae [...]. Others again with no zeal contend that Lisbon owes its origin to Elisa, Great-grandson of Noah, and with marvelous precision determine the exact date to be 2150 B. C. or 278 years after the deluge. The popular belief, however, is that it was founded by Ulysses after the destruction of Troy, and though there is no definite authority in favour of Homer’s astute hero, yet he has been generally adopted by the poets.⁶¹

⁵⁹ J. F. Packard, *Grant's Tour Around the World* (Cincinnati 1880) 508.

⁶⁰ Consulte-se Maria Leonor Machado de Sousa (coord.), *Camões na Inglaterra* (Lisboa 1992).

⁶¹ Joaquim António de Macedo, *A Guide to Lisbon and its Environs* (Londres 1874) 28-29.

Mais uma vez encontramos o herói grego e uma personagem bíblica a 'lutar' pelas honras da fundação de Lisboa. O autor, à semelhança de Southey e Dr. Isley, menciona as origens nebulosas da urbe, avança uma data exacta para a fundação e remete para a crença popular portuguesa e para as obras que já listámos.

Em 1956 Wiliam e Elizabeth Younger recordam, tal como Lila Perl em 1971,⁶² a infundada lenda: "it was possible to imagine Phoenician trade galleys creeping up the coast, Greek galleys also for there is a legend (quite unauthenticated) that Ulysses founded Lisbon in addition to the equally unauthenticated story that Tubal built Setubal".⁶³ O casal imagina as sucessivas chegadas de diferentes povos a Lisboa, cria uma imagem diacrónica e palimpséstica da história marítima da cidade e compara a lenda de Ulisses à também conhecida e fictícia tradição segundo a qual Tubal, neto de Noé, teria fundado Setúbal. Esse exercício de comparação dos mitos (auto)caracteriza os autores ingleses como informados e interessados pela cultura que descrevem e tentam descodificar. Também os escritores portugueses comparam mitos sobre fundações de cidades para enfatizar o seu carácter ficcional, como podemos ver através do poema *Emília e Leonido ou, os Amantes Suevos* (1836): "Esta fundação de Santarém por Abides tenho eu por tão fabulosa como a de Lisboa por Ulisses, a de Setúbal por Tubal [...] com que tantos escritores nos embalam".⁶⁴ A fundação de Setúbal e do reino de Portugal por Tubal é, aliás, referida no século XVI na primeira *História de Portugal*, bem como no século XIX em obras que continuam a disseminar essas lendas, como por exemplo a *História Insulana* e *Os Portugueses Perante o Mundo*.⁶⁵ São, portanto, já antigas as tradições que avançam diversos fundadores

⁶² Lila Perl, *Living in Lisbon* (Nova Iorque 1971) 36.

⁶³ William Younger e Elizabeth Younger, *Blue Moon in Portugal* (Londres 1956) 24.

⁶⁴ *Emília e Leonido* "Notas do Poema": xvi.

⁶⁵ *História de Portugal*: 352-353, *História Insulana*: 32-36 e *Os Portugueses Perante o Mundo*: 2-3.



estrangeiros de Lisboa,⁶⁶ e, como vimos, essas versões são continuamente recuperadas e até parodiadas por autores anglófonos como J. F. Packard, em cuja obra confluem implicitamente todos esses mitos fundacionais.

O artigo “Portuguese Literature”⁶⁷ publicado em 1809 na *London Quarterly Review* afirma que os portugueses cantam Ulisses com base em fábulas antigas, por oposição ao que acontece com Viriato, que é um herói histórico: “in the age of fable they found Ulysses for a national hero, in ancient history the great Viriatus, whose memory it well becomes them to love and cherish. Some of these [poems] are servile imitations of Tasso, others are written without any model”. Se o mito ocupa uma zona cinzenta entre a literatura, a filosofia e a antropologia,⁶⁸ são vários os campos do saber para os quais a “lenda pitoresca”⁶⁹ de Ulisses se propaga, marcando em 1844 presença nos Estados Unidos da América através do *McCullough’s Universal Gazetteer*.⁷⁰ Dez anos depois, na Grã-Bretanha, o professor da Universidade de Edimburgo James Pillans informa, num estudo sobre a geografia europeia, que o topónimo Olissipo talvez tenha sugerido a “fábula” da fundação da cidade por Ulisses.⁷¹ Em 1848 o vice-presidente do Colégio dos Ingleses (Inglesinhos), o reverendo Dr. Isley, publica *The Lisbon Guide, or An Historical and Descriptive View of the City of Lisbon and*

⁶⁶ Veja-se Helena de Carlos Villamarín, “Mitos Fundacionales de la Península Ibérica entre la Historiografía Medieval y la del Temprano Humanismo”: *Euphrosyne* 23 (1995) 245-258.

⁶⁷ Anónimo, “Portuguese Literature”, *The London Quarterly Review* 1/2 (05-1809) 241.

⁶⁸ Michael Bell, *Literature, Modernism and Myth* (Cambridge 1997) 1.

⁶⁹ Expressão que Peter Whitfield, *Cities of the World: A History in Maps* (Berkeley 2005) 99, utiliza para referir a lenda de que nos ocupamos (tradução nossa).

⁷⁰ John R. McCullough e Daniel Haskell, *McCullough’s Universal Gazetteer* 2/1 (Nova Iorque 1844) 191.

⁷¹ James Pillans, *Elements of Physical and Classical Geography* (Londres 1854) 3, nossa tradução.

its Environs (2^a edição 1853), que resume a lenda de que nos ocupamos no início da secção dedicada à história de Lisboa:

The origin of Lisbon, like that of many other cities, is involved in obscurity. The popular belief on the subject is that it was founded by Ulysses after the destruction of Troy, and that it received from him its name Ulyssippo. It is related, on the authority of a writer quoted by Strabo, that the hero, after long contending with the tempestuous ocean, entered the Tagus for the double purpose of repairing the damage his ship had sustained in a storm, and of giving an interval of repose to his weary followers; that after considerable delay, when he proposed to resume his voyage, he found few or none willing to exchange the security of a delightful harbor for the stormy perils of an unknown ocean; that in this emergency he adapted himself to circumstances, and in accordance with the wishes of his men, traced the foundations of a new city, and built a temple to Minerva; that the predatory habits of these conquerors of Troy soon drew upon them the hostility of the natives, and that the prudent chief representing to his followers this opposition as an insurmountable obstacle to their plans of permanent colonization, induced them to abandon the place and to sail with him once more in search of Ithaca.⁷²

Tal como Murphy em 1795 e outros autores posteriormente, Dr. Isley refere as origens obscuras, porque desconhecidas, da capital portuguesa e localiza a sua fundação por Ulisses na viagem de regresso a Ítaca. O prelado aborda temáticas que são elementos do mito a que chama “crença popular”, como se este tivesse migrado da literatura erudita para as ruas de Lisboa. O vice-presidente do seminário católico inglês de Lisboa alude a Estrabão como fonte da lenda e refere a tempestade que leva o herói grego ao rio Tejo para se proteger, descansar e reparar os barcos. Os restantes marinheiros preferem Lisboa ao mar incerto e estabelecem-se no porto, atrasando, mais uma vez, o regresso à Grécia

⁷² Dr. Isley, *The Lisbon Guide, or An Historical and Descriptive View of the City of Lisbon and its Environs* (Lisboa 1853) 1-2; veja-se *Spain and Portugal: Handbook for Travellers* (Leipzig 1901) 512.



para fundar essa cidade, onde constroem um templo em honra de Minerva. Essa versão da lenda, numa atitude que actualmente associamos ao paradigma pós-moderno, dá alguma proeminência e voz aos silenciados da história (mitológica), os gregos que acompanham o famoso Ulisses até Lisboa, mas que raramente são referidos como seus fundadores. Quando o são é de forma negativa, pois é devido aos seus saques constantes que os nativos se revoltam e os forçam a partir. Dessa forma, o líder grego não pode levar a cabo os seus planos de colonização permanente, sendo, no entanto, caracterizado como colonizador, ou seja, precursor dos Portugueses dos séculos XV-XVI. Tal como Murphy e outros viajantes, o vice-presidente do Colégio dos Ingleses cita ainda um intertexto da sua obra, a epopeia camonianiana, antes de abandonar as “regiões da ficção” e referir os primeiros episódios comprováveis da história de Lisboa.

Em 1864, o famoso editor londrino John Murray publica *A Handbook for Travellers in Portugal*, que, tal com Robert Southey, insere o episódio mitológico nas tradições literária e historiográfica portuguesas:

Others [historians] have been content with claiming Ulysses was its [Lisbon's] founder, and have given detailed accounts of His proceedings here, both before and after the siege of Troy. From him they derive the name *Olyssipo*, by corruption *Lisboa*. This tradition is the subject of the epic poem “Ulyssipo”, the work of Antonio de Sousa Macedo, in the middle of the 17th century, which in some respect may compare with any Portuguese epic, except the *Lusiad*.⁷³

O manual para turistas apresenta um novo elemento, as estadas do herói em Lisboa antes e depois do cerco de Tróia,

⁷³ John Murray (ed.), *A Handbook for Travellers in Portugal* (Londres 1864) 5.

enquanto autoras como Marion F. Smithes⁷⁴ parafraseiam, em 1931, a versão mais conhecida, a da fundação da urbe durante a viagem de regresso. Quando as mulheres começam a viajar e a narrar as suas aventuras, os relatos de viagem femininos também ecoam o mito. Em 1891 Harriet Elizabeth Tucker Francis publica, em Nova Iorque, *By Land and Sea: Incidents of Travel with Chats about History and Legends*, cujo título estabelece desde logo um contrato de leitura baseado na viagem em torno do folclore e da riqueza da tradição oral e etnográfica dos locais visitados. O índice da obra refere a temática “How Ulysses founded Lisbon”, que é desenvolvida juntamente com a das fontes portuguesas antigas: “I found in an old Portuguese book the following very interesting legend respecting the founding of the city of Lisbon”.⁷⁵ Já a escritora inglesa Marianne Baillie publica em 1824 uma descrição de Lisboa que consiste num conjunto de missivas já traduzido para português (*Lisboa nos Anos de 1821, 1822 e 1823*, Biblioteca Nacional, 2002). Na 56ª carta, redigida em Julho de 1823, a escritora auto-caracteriza-se como exilada na capital portuguesa, onde reside com o marido Alexander Baillie entre Junho de 1821 e Outubro de 1823, e compara-se a Ulisses em Lisboa a olhar para a sua saudosa terra natal,⁷⁶ rentabilizando a temática do regresso, movimento pelo qual a residente também anseia. Aliás, a missiva 14ª, enviada à mãe de Marianne em Agosto de 1821, contém o poema “O Lamento da Exilada”, que consiste nos queixumes e lamentações de uma mulher revoltada a quem a riqueza não consola no exílio. Tal como o “sábio” Ulisses, a residente inglesa observa o oceano e tenta ver para além dele, e logo um paralelismo

⁷⁴ Marion F. Smithes, *Things Seen in Portugal: The Garden of the West* (Londres 1931) 19, 28; veja-se também Eugene E. Street, *A Philosopher in Portugal* (Londres 1903) 93.

⁷⁵ Harriet Elizabeth Tucker Francis, *By Land and Sea: Incidents of Travel* (Nova Iorque 1891) 9, 14-15.

⁷⁶ Marianne Baillie, *Lisbon in the Years of 1821, 1822 and 1823* 2 (Londres 1825) 205.



se estabelece, pois a “sabedoria do homem [Ulisses] e a fraqueza da mulher [Marianne] coincidem”.⁷⁷

Em 1828 o reverendo galês William Morgan Kinsey publica *Portugal Illustrated; in a Series of Letters*, obra que parafraseia a lenda de Ulisses a partir de *Os Lusíadas*, como acontece com muitos outros viajantes:

the old tradition is, that Lisbon was built by Ulysses, and thence called Olyssipolis [*sic.*], and it is thus noticed by Camoens in his *Lusiad*:

And thou, famed Lisboa! Whose Embattled Wall
Rose by the hand that Wrought Proud Ilion's Fall

But this old tale, consecrated as it is by the divine poet of Portugal, may have equal pretensions to truth with the fable of the first Alphonso having given, in return for their important services in enabling him to defeat the Moors [...], Almada [...] to a party of English Crusaders.⁷⁸

Kinsey compara a lenda de que nos ocupamos a um outro episódio considerado histórico, mas que, segundo ele, é igualmente lendário: a doação de terras na zona de Almada aos cruzados ingleses por D. Afonso Henriques após a tomada de Lisboa, o primeiro momento das relações luso-britânicas. O esperado regresso de Ulisses ao Tejo é cantado pelo autor no seu poema descritivo “Almada Hill” através de uma sugestiva remissão para o futuro: “Beheld th' Ulysses of His age return/To Tago's banks”.⁷⁹

Com a massificação do turismo no século XX, os guias de viagem tornam-se acessórios essenciais para o viajante. O *Travellers Guide to Portugal* publicado em 1992 pela Berlitz data inclusive a visita de Ulisses a Lisboa e mescla, mais uma vez, episódios mitológicos para os localizar na cidade, nomeadamente o encontro do herói com Calipso, momento esse datado com

⁷⁷ *Lisbon*: 206, tradução nossa.

⁷⁸ William Morgan Kinsey, *Portugal Illustrated; In a Series of Letters* (Londres 1828) 100.

⁷⁹ William Morgan Kinsey, “Almada Hill”: Samuel Johnson (ed.), *The Works of the English Poets, from Chaucer to Cowper* 17 (Londres 1810) 540.

precisão pelo autor: “According to one account, Ulysses visited Lisbon in 1215 b. C., had an affair with Prince Gorgoris’s daughter Calipso, and left before their son, Abidis, was born”,⁸⁰ relação amorosa também anteriormente localizada em Portugal por Thomas James em *The History of the Herculean Straits* (1771),⁸¹ entre outros exemplos que já referimos. A fusão de tradições literárias marca também presença num recente guia de viagem literário e cultural sobre Lisboa. Nessa obra publicada em 2003 Paul Buck sumaria a lenda na secção dedicada à história da urbe, ou seja, Ulisses inaugura muitos dos textos sobre a capital lusa, e nesta versão Calipso dá origem às sete colinas de Lisboa: “Legend suggests that Lisbon identifies Ulysses as its founding father, strangely adding that it was even here that the sea nymph Calypso fell in love with him, turning herself into a snake whose coils formed the seven hills. Perhaps the myth has more to do with a similarity to the place’s later name, Olissipo”.⁸²

A origem mitológica da capital é ainda associada ao terramoto que a assola em 1755. Ao abordar cenários apocalípticos no seu estudo *The End of The World: A History* (1982), o jornalista norte-americano Otto Friedrich remete para a fundação de Lisboa por Ulisses, cidade que parecia eterna até 1755, ano em que um dos sete maiores cataclismos de sempre aí se faz sentir: “perched on seven hills near the mighty Tagus river, Lisbon had seemed eternal. Ulysses was said to have wandered here after the sack of Troy”.⁸³ As ideias de antiguidade e da eternidade da urbe antes do terramoto são acentuadas através dos simbólicos passeios de

⁸⁰ Alan Tucker (ed.), *The Berlitz Travellers Guide to Portugal* (Oxford 1992) 158.

⁸¹ Thomas James, *The History of the Herculean Straits: The Straits of Gibraltar* 1 (Londres 1771) 5.

⁸² Paul Buck, *Lisbon: A Cultural and Literary Companion* (Oxford 2002) 16.

⁸³ Otto Friedrich, *The End of the World: A History* (Nova Iorque 1986) 179.



Ulisses, sendo a imagem do herói a vaguear (“wandering”) por Lisboa recorrente na literatura inglesa desde cedo, como podemos verificar também através do artigo “Old Lisbon and Its Overthrow” (1874) publicado no *McBride’s Magazine*.⁸⁴

Em 1990 Derek Walcott, romancista das Caraíbas a quem viria a ser atribuído o Prémio Nobel da Literatura em 1992, publica o poema épico pós-moderno *Omeros*, cujo narrador é um “West Indian” que reside em Boston e regressa ao contexto pós-colonial de Santa Lúcia para visitar a mãe. O último canto percorre itinerários pretéritos do protagonista enquanto ele recorda as suas viagens de aprendizagem pelo Velho Mundo, nomeadamente por Lisboa e Londres, duas metrópoles coloniais descritas com cargas negativas.⁸⁵ No início do canto quinto “Ulissibona” é caracterizada como um “mud-caked settlement founded by Ulysses”,⁸⁶ tornando-se o poema também um intertexto de *Os Lusíadas* através dessa temática. Em *Omeros* o castelo de São Jorge é um fantasma do que fora no passado e a história da capital encontra-se cristalizada nos arcos do aqueduto⁸⁷ que não é romano, contrariamente ao que o narrador afirma. O herói grego, ao contrário dos colonizadores modernos, funda a cidade, mas não a explora, abandona-a para que terceiros o façam e dela usufruam. É aliás instantânea a associação de Ulisses aos navegadores e colonizadores lusos, como já afirmámos. A urbe por ele fundada seria mais tarde a metrópole do império português, que se torna assim também um simbólico legado do argonauta homérico.

Já no século XXI, Jay Brunhouse refere, na sua obra sobre os caminhos-de-ferro europeus, os antigos eléctricos de Lisboa de

⁸⁴ Anónimo, “Old Lisbon and Its Overthrow”, *McBride’s Magazine* 14 (1874) 68.

⁸⁵ Maria Cristina Fumagalli, *The Flight of the Vernacular: Seamus Heaney, Derek Walcott and the Impress of Dante* (Amesterdão 2001) 205-206.

⁸⁶ Derek Walcott, *Omeros* (Londres 1990) 189.

⁸⁷ *Omeros*: 191-192. Veja-se Lance Callahan, *In the Shadow of Divine Perfection: Derek Walcott’s Omeros* (Londres 2003) 39-43.

forma hiperbólica, servindo-se da fundação para datar esses ruidosos e pitorescos meios de transporte: “Part of the excitement comes from riding on cars that groan from heavy use and seem to date back to shortly after Ulysses founded Lisbon”.⁸⁸ A referência humorística ao herói da *Odisseia* é informação ‘de fundo’ e serve para enriquecer indirectamente a componente cultural da obra e caracterizar o autor como informado e interessado pelo passado e pela memória colectiva dos locais que descreve ao leitor anglófono. As lendárias origens da capital são também ficcionalizadas pelo romancista norte-americano Tom Gabbay no seu recente *thriller* *The Lisbon Crossing* (2003), traduzido para português com o título *Encontro em Lisboa* (Casa das Letras, 2008). A acção do romance tem lugar na Lisboa neutral durante a Segunda Guerra Mundial, onde as “muitas pessoas [que] faziam muitas coisas” conhecem a lenda: “Legend has it that Ulysses himself founded the city”.⁸⁹

A partir do século XVIII a tradição de Ulisses é referida pelos autores anglófonos como infundada, embora orgulhe os portugueses, sendo utilizada como marca da erudição dos autores e como referência cultural que faz parte do imaginário da capital lusa. Ulisses (re)aparece sobretudo no *incipit* das obras ou das secções dedicadas a Lisboa, pois remete para as origens dessa localidade. Temos, portanto, a imagem de um herói fundador, sempre em viagem de regresso que ora vagueia por Lisboa, antes e depois do cerco de Tróia, ora descansa junto dos seus fiéis seguidores, ora se envolve com Calipso até decidir regressar a Ítaca.

O mito penetra na tradição literária anglófona através de relatos/guias de viagem, de *Os Lusíadas*, de romances e poemas e das paráfrases da lenda fornecidas por informantes locais. As inúmeras referências inglesas às aventuras e ao descanso do herói em

⁸⁸ Jay Brunhouse, *Travelling Europe's Trains* (Londres 2001) 304.

⁸⁹ Tom Gabbay, *The Lisbon Crossing* (Nova Iorque 2007) 36, nossa tradução.



Olisipo parafraseiam o mito fundacional que se torna assim um tema literário cada vez mais conhecido dos públicos inglês e norte-americano, adicionando-lhes alguns autores anglófonos referências espaço-temporais ao especificar a data da famosa estada. Como vimos, a lenda funciona como força motora criativa, embora sejam poucos os autores anglófonos que, como Pope, Kinsey e Walcott, se apropriam do mito literário e o enriquecem ao adensar o enredo original com novos episódios. O protótipo mitológico de Ulisses enquanto herói fundador de Lisboa na sua viagem de regresso reaparece nas mais variadas obras de língua inglesa, havendo pouca oportunidade para (re)configurações elaboradas desse mito, uma vez que a maioria dos autores ingleses tem um contacto breve com essa “crença popular”, como alguns lhe chamam, reproduzindo o que ouvem e lêem, ou seja, a efabulação poética em torno da lenda é relativamente reduzida, pois os escritores limitam-se a parafrasear a história das míticas origens da cidade das sete colinas. Se exceptuarmos o esboço de Pope, que não passa de um projecto de um poema épico, e as breves referências lírica e épica, respectivamente, de Kinsey e Walcott, não se verifica uma ‘remitologização’ dinâmica⁹⁰ da fundação da urbe por Ulisses nas literaturas anglófonas, mas sim uma ‘apropriação’ do tempo mítico por parte dos autores para enfatizar a antiguidade histórica desse espaço urbano. Aliás, como recorda Northrop Frye, o interesse dos poetas pelo mito e pela sua actualização data da época de Homero,⁹¹ estabelecendo-se entre as obras referida uma viagem intertextual e mitopoética rumo à Lisboa de Ulisses. A fraca remitologização anglófona deve-se ao facto de esse mito dizer respeito sobretudo à relação que os portugueses estabelecem com as suas narrativas nacionalistas, que não têm a mesma carga simbólica e importância no resto do mundo.

⁹⁰ Eleazar M. Mielietinski, *A Poética do Mito* (Rio de Janeiro 1987).

⁹¹ Northrop Frye, *Fables of Identity: Studies in Poetic Mythology* (Nova Iorque 1963) 21-37.

Os diálogos intertextuais por nós analisados surgem do processo de recriação literária do mito ao longo dos séculos. As referências sucessivas à lenda adensam o cariz lírico e simbólico das obras estudadas e remetem para a presença da (herança da) cultura clássica na construção da identidade nacional e na memória colectiva portuguesas, sobretudo na sua dimensão imaginária. Os motivos literários da viagem, do regresso a casa, do descanso, do desafio, da tempestade, do conforto, do desconhecido, do amor, da fundação e dos descendentes deixados no extremo ocidente europeu fazem assim parte da rede de significações do mito fundacional que tem como objectivo inicial fortalecer a identidade nacional e a independência simbólica de um país pequeno e periférico, cujo único vizinho representava uma ameaça militar. Como vimos, a lenda tem um motor de cariz etimológico, a identificação de Olisipo com o nome latino de Ulisses, bem como um outro de cariz nacionalista ou político que tenta enobrecer as origens de Portugal e os míticos descendentes lusos do herói homérico. Ambas as dimensões se encontram presentes nas referências ao episódio nas literaturas de língua inglesa, embora mais esbatidas pois Ulisses é utilizado sobretudo como herói clássico e elemento simbólico que enriquece a componente cultural das obras por nós analisadas. Assim sendo, em termos do fenómeno da recepção literária da lenda nas literaturas anglófonas, podemos concluir que se trata, no geral, de uma paráfrase relativamente passiva, uma vez que a maioria dos autores apenas ecoa as suas leituras ou as informações que ouve, fenómeno que também se prende com a natureza mimética e realista da literatura de viagens.

A rede de intertextos que estudámos tem valor não apenas como exemplo das reapropriações ou revivescências significativas do mito, mas também como espelho dessa ‘narrativa’ e dos diferentes estádios da sua disseminação pelo mundo anglófono, tendo autores como Alexander Pope planeado reescrever a lenda de forma criativa e inovadora, enquanto os autores de relatos de viagem e Derek Walcott parafraseiam as diferentes variantes



(re)criadas ao longo dos séculos. A transformação e a transmissão do mito em geral assume-se como um fenómeno não apenas literário, mas também histórico-cultural, e, como afirma Manuel dos Santos ao estudar as representações do herói grego na literatura portuguesa, “a sombra de Ulisses tem pairado obsessivamente no imaginário ocidental” e esse mito “ultrapassou os limites geográficos da cultura e da civilização mediterrânicas, de que constitui, porventura, a mais importante configuração simbólica”.⁹² Sobre o mesmo tema, e ao elaborar a sua ‘geocrítica’ da capital lusa, Bertrand Westphal conclui: “Lisbonne est fille du plus méditerranéen de tous les homes. Ulysse. Lisbonne fut *Oulisipona*. *Oulisi* a certes marqué le pas face à *Lisipona*, mais le roman des origines ne s’efface jamais”.⁹³ A lenda fundacional que transporta o herói homérico para fora do Mediterrâneo permite-nos analisar a recepção, a transformação e a apropriação do mito odisseico em Portugal, onde os mundos atlântico e mediterrânico se encontram. Como vimos, o episódio abandona o universo da literatura erudita e reactualiza-se sucessivamente, pois o turista do século XX passa a ter um contacto mais fácil com a lenda da fundação da cidade que visita com o guia de viagem debaixo do braço.

Concluimos já que nas literaturas anglófonas não existem inovações temáticas ou formais significativas em torno da fundação de Lisboa, mas sim ecos de um mito português que tem como base um mito homérico, num processo de *mise en abyme*, pois a partir das errâncias de Ulisses imaginam-se as origens da urbe. Tal como o sebastianismo, o milagre de Ourique e até o Adamastor, entre outros símbolos, temas e figuras portuguesas já referidos, a fundação de Lisboa pelo herói grego faz parte da mito-

⁹² Manuel dos Santos Alves, “O Mito de Ulises ou a Queda na História”: M. L. Losa, I. de Sousa e G. Vilas-Boas (ed.), *Literatura Comparada, Os Novos Paradigmas* (Porto 1996) 569.

⁹³ Bertrand Westphal, “Pourquoi une Géocritique de Lisbonne?”: Alain Montandon (ed.), *Lisbonne: Géocritique d’une Ville* (Clermont-Ferrand 2006) 8.

poética nacional, ou seja, da memória (imaginária) colectiva, como Fernando Pessoa demonstra liricamente no poema “Ulisses” da *Mensagem*; aliás, Rosado Fernandes recorda que Ulisses é um herói “por adopção dos Lusitanos”.⁹⁴ Ao (d)escrever Lisboa, o escritor-viajante anglófono identifica-se, como acontece a Marianne Baillie, com o fundador, também ele um viajante e um estrangeiro que a visitara milhares de anos antes, a caminho de Ítaca. Se Ulisses é o paradigma ou arquétipo ocidental do viajante engenhoso sempre em vias de regressar a casa, a capital portuguesa é um dos seus feitos míticos. A tradição literária de que nos ocupámos é, portanto, uma simbólica extensão geográfica e histórica do mito odisseico, ao qual vão sendo adicionados gradualmente novos elementos, processo que nos recorda, tal como diversos estudos de Victor Jabouille,⁹⁵ que a mitologia clássica continua a ser a grande fonte referencial do nosso universo mítico.

⁹⁴ “Ulisses em Lisboa”: 151.

⁹⁵ Victor Jabouille, *Mito e Literatura* (Lisboa 1993) 7 e idem, *Do Mythos ao Mito. Uma Introdução à Problemática da Mitologia* (Lisboa 1993) 63-82.



* * * * *

Resumo: O presente estudo aborda o processo intertextual de transmissão e disseminação do mito da fundação de Lisboa por Ulisses da literatura portuguesa para as literaturas inglesa e norte-americana a partir sobretudo de relatos de viagem desde o século XII até à actualidade. Analisamos ainda de que forma autores anglófonos como Alexander Pope (1688-1744), William Morgan Kinsey (1788-1851) e Derek Walcott (1930-) se apropriam criativamente do mito e o actualizam.

Palavras-chave: Ulisses; Lisboa; mito; literatura de viagens inglesa e norte-americana; intertextualidade.

Resumen: El presente trabajo se propone examinar el proceso intertextual de la transmisión y difusión del mito de la fundación de Lisboa por Ulises. Tomamos como punto de partida la literatura portuguesa para analizar como se ha representado el mito desde el siglo XII en las literaturas inglesa e norte-americana, sobre todo en relatos de viajes. También veremos cómo se apropian del mito autores anglófonos como Alexander Pope (1688-1744), William Morgan Kinsey (1788-1851) y Derek Walcott (1930-) y cómo lo actualizan de forma creativa.

Palabras clave: Ulises; Lisboa; mito; literatura de viajes inglesa y norte-americana; intertextualidad.

Résumé: Cette étude aborde le processus intertextuel de transmission et dissémination du mythe de la fondation de Lisbonne par Ulysse. Elle prendra comme point de départ la littérature portugaise, puis s'intéressera au traitement de ce même thème dans les littératures anglaise et nord-américaine, principalement dans les récits de voyage depuis le XII^e siècle jusqu'à nos jours. Nous verrons également la façon dont les auteurs anglophones, comme Alexander Pope (1688-1744), William Morgan Kinsey (1788-1851) et Derek Walcott (1930-), se sont appropriés le mythe et l'ont actualisé.

Mots-clé: Ulysse; Lisbonne; mythe; littérature de voyage anglaise et nord-américaine; intertextualité.